

EPIGRAPH

Mrs. Kinsella stands then, and they say their goodbyes. I follow them out to the car with my mother, who still has the baby in her arms. Mrs. Kinsella takes out the cardboard box with the pots of jam. Kinsella lifts a four-stone sack of potatoes out of the boot. "These are floury," he says. "Queens they are, Mary."

My mother thanks them, saying it was a lovely thing they did, to keep me.

"The girl was welcome and is welcome again, anytime," the woman says.

"She's a credit to you, Mary," Kinsella says. "You keep your head in the books," he says to me. "I want to see gold stars on them copybooks next time I come up here." He gives me a kiss then, and the woman hugs me. I watch them getting into the car and closing the doors and I feel a start when the engine turns and the car begins to move away.

"What happened at all?" Ma says, now that the car is gone.

"Nothing," I say.

"Tell me."

"Nothing happened." This is my mother I am speaking to but I have learned enough, grown enough, to know that what happened is not something I need

ever mention. It is my perfect opportunity to say nothing.

I hear the car braking on the gravel in the lane, the door opening, and then I am doing what I do best. It's nothing I have to think about. I take off from standing and race on down the lane. My heart feels not so much in my chest as in my hands. I am carrying it along swiftly, as though I have become the messenger for what is going on inside me. Several things flash through my mind: the boy on the wallpaper, the gooseberries, that moment when the bucket pulled me under, the lost heifer, the third light on the water. I think of my summer, of now, of a tomorrow that I can't entirely believe in.

As I am rounding the bend, reaching the point where I daren't look, I see him there, closing the gate, putting the clamp back on. His eyes are down, and he seems to be looking at his hands, at what he is doing. My feet batter on along the rough gravel, the strip of tatty grass in the middle of our lane. There is only one thing I care about now, and my feet are carrying me there. As soon as he sees me, he grows still. By the time I reach him, the gate is open and I am smack against him and lifted into his arms.

For a long stretch, he holds me tight. I feel the thumping of my heart, my breaths coming out, then my heart and my breaths settling differently. At a point, which feels much later, a sudden gust blows through the trees and shakes big, fat raindrops over us. My eyes are closed now and I can feel him, the heat of him coming through his good clothes, can smell the soap on his neck. When I finally open my eyes and look over his shoulder, it is my father I see, coming along strong and steady, his walking stick in his hand. I hold on as though I'll drown if I let go, and listen to the woman, who seems, in her throat, to be taking it in turns sobbing and crying, as though she is crying not for one but for two now. I daren't keep my eyes open and yet I do, staring up the lane, past Kinsella's shoulder, seeing what he can't. If some part of me wants with all my heart to get down and tell the woman who has minded me so well that I will never, never tell, something deeper keeps me there in Kinsella's arms, holding on.

"Daddy," I keep calling him, keep warning him. "Daddy."

A Senhora Kinsella levanta-se e ambos se despedem. Sigo-os até ao carro com a minha mãe, que ainda leva o bebé nos braços. A Senhora Kinsella tira o caixote com os frascos de compota. Kinsella levanta um saco de 25 kg de batatas do porta-bagagens.

— Estas são farinhentas, Mary. Verdadeiras Queens.

A minha mãe agradece-lhes, dizendo que foi uma coisa bonita o que fizeram, ao ficarem comigo.

— A pequena foi e será sempre bem-vinda — diz a mulher.

— Parabéns, Mary, ela é muito bem-educada — diz Kinsella. — E tu, minha menina, mantém a cabeça nos livros — diz-me. — Quero ver só estrelas douradas nos cadernos de cópias da próxima vez que cá vier. — Dá-me um beijo e a mulher abraça-me. Vejo-os entrar no carro e fechar as portas e sinto um sobressalto quando o motor arranca e o carro começa a afastar-se.

— Afinal, o que é que aconteceu? — pergunta a mãe, agora que o carro se foi.

— Nada — digo.

— Diz-me.

— Não aconteceu nada. — É com a minha mãe que estou a falar, mas aprendi o suficiente, cresci o suficiente, para saber que o que aconteceu não é algo que eu precise de mencionar. Esta é a minha oportunidade perfeita de não dizer nada.

Ouço o carro a travar na gravilha do caminho, a porta a abrir-se e, de repente, sem pensar, faço aquilo em que sou melhor. Arranco e corro caminho abaixo. Sinto o coração a bater mais nas minhas mãos do que no meu peito. Sou tão rápida como se me tivesse tornado a mensageira do que se está a passar dentro de mim. Várias coisas percorrem a minha mente: o rapaz no papel de parede, as groselhas, o momento em que o balde me puxou para baixo de água, a bezerra perdida, a terceira luz para além da água. Penso no meu verão, no agora, num amanhã em que não consigo acreditar verdadeiramente.

Quando faço a curva, até onde nem me atrevo a olhar, vejo-o ali, a fechar o portão, colocando de novo o gancho. Tem os olhos baixos e parece estar a olhar para as mãos, para o que está a fazer. Os meus pés batem no cascalho áspero, a faixa de relva gasta no meio do nosso caminho. Apenas uma coisa me interessa agora e os meus pés conduzem-me até ela. Assim que me vê, fica imóvel. Quando chego ao portão, já aberto, vou de encontro a ele, que me ergue nos seus braços.

Durante um bom bocado abraça-me com força. Sinto o bater acelerado do meu coração, a minha respiração ofegante, depois o meu coração e a minha respiração a acalmarem, cada um à sua maneira. A certa altura, que parece muito depois, uma rajada repentina sopra através das árvores e sacode grandes e pesadas gotas de chuva sobre nós. Fecho os olhos e sinto-o, o calor da sua roupa de sair, o cheiro a sabonete no pescoço. Quando finalmente abro os olhos vejo, por cima do seu ombro, o meu pai a aproximar-se, forte e firme, de bordão na mão. Agarro-me com força, como se me pudesse afogar se não o fizer e ouço a mulher a soluçar e a chorar, como se agora chorasse não por um, mas por dois. Não me atrevo a manter os olhos abertos e, no entanto, faço-o, olhando para o caminho, para além do ombro de Kinsella, a ver o que ele não consegue. Parte de mim quer, do fundo do coração, chegar junto à mulher que me cuidou tão bem para lhe dizer que nunca, nunca direi nada, mas algo mais profundo mantém-me firme nos braços de Kinsella.

— Papá — continuo a chamar-lhe, a avisá-lo. — Papá.